

LEITURA, ESCRITA E ENSINO DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA SALA DE AULA

ROCHA, Luciana Vieira Alves- UEPB (lucianavieiracg@hotmail.com)

1. INTRODUÇÃO

A questão dos gêneros textuais tem recebido muita atenção no campo da educação no Brasil. Isso se deve ao fato de que o texto passou a ser evidenciado no ensino de língua portuguesa como uma unidade que se amplia na concepção dos gêneros, e estes foram tomados como objeto de estudo, passando a serem ferramentas indispensáveis para o ensino de língua, visto que os gêneros são considerados os condutores de todo tipo de análise quer seja linguística, quer seja textual. Logo, são neles que se constitui todo o tipo comunicação verbal e não-verbal.

Assim sendo, tomamos como objeto para análise nesta pesquisa um planejamento didático com foco nos gêneros da esfera jornalísticas. Dessa maneira, desenvolveu-se uma série de atividades que contribuiriam para o desenvolvimento de competências e habilidades de leitura e escrita. Selecionamos dois gêneros dessa esfera: a notícia e a crônica, tendo em vista que os textos jornalísticos aproximam o leitor dos fatos recorrentes do seu dia-a-dia, permite o desenvolvimento sócio-discursivo e promove o posicionamento crítico dos discentes diante dos problemas.

A partir desse contexto, nossa pesquisa de caráter analítico, descritivo, objetiva analisar, como se dá o desenvolvimento da competência linguístico-textual, em termos de escrita, leitura e compreensão dos gêneros textuais notícia e crônica jornalística. Assim, a questão problema que norteou nosso trabalho, buscou compreender como se desenvolve a competência linguístico- textual, no que concernem as habilidades de leitura e escrita, através do estudo dos gêneros da esfera jornalística, nos alunos participantes da pesquisa.

Partindo do nosso objetivo principal, ainda especificamos nossos objetivos em: Observar, através das produções textuais feitas pelos discentes, se os mesmos obtiveram um desempenho suficiente, ou não, na atividade de escrita e de leitura e analisar se os alunos tiveram êxito na aquisição dos gêneros textuais estudados em sala de aula.

Nesses termos, nos baseamos teoricamente nas reflexões de Garcez (2001), Pereira (2011), que fazem reflexões acerca das práticas de leitura e escrita no âmbito escolar, bem como nos documentos oficiais da educação que trazem propostas para o ensino de língua pautado no estudo dos gêneros.

2. Leitura, escrita e ensino: diálogos possíveis

O processo de ensino-aprendizagem de língua materna tem sido bastante debatido, tornando-se objeto de pesquisa para algumas correntes teóricas que buscam aliar a prática à teoria. Uma dessas correntes que tem por objeto de estudo a língua, em situação de uso é a Linguística Aplicada (LA). Na perspectiva de estudiosas como Bastos e Mattos (1993, p. 07), “a preocupação da Linguística Aplicada não está comprometida com teorias acerca da língua, mas sua preocupação é com situações de uso da língua; seu objeto de estudo é definido pelas situações de um uso que seja metalinguístico”.

Assim, ao investigarmos as práticas de leitura e escrita, também consideraremos neste estudo os aspectos de ensino-aprendizagem no desenvolvimento dessas habilidades, visto que nos pautamos num estudo com base na LA por possuímos pretensões específicas no que diz respeito à investigação da prática em sala de aula. Desse modo, abordaremos os processos de leitura e escrita atrelados ao ensino de língua.

Nessa perspectiva, a leitura e a escrita são atividades fundamentais no ensino de língua portuguesa, sendo que uma está ligada a outra, visto que para se escrever bem, é essencial que se saiba ler, pois é através da leitura que se adquire o conhecimento necessário para se desenvolver uma boa escrita e é pela leitura que conseguimos assimilar as estruturas próprias da língua escrita. Desse modo, a leitura irá interferir diretamente na aprendizagem da escrita. Tais práticas também são indispensáveis para a inserção dos discentes na sociedade letrada, visto que cobra-se cada vez mais que as pessoas não só saibam ler e escrever textos, mas que sejam capazes de interpretar, refletir, analisar criticamente, confrontar, se posicionar, argumentar etc.. Este uso social da leitura e escrita é o que constitui o letramento.

No que tange à leitura e interpretação de textos na sala de aula torna-se imprescindível seu ensino desde as séries iniciais, para que ao término do período escolar o aluno adquira o hábito e a maturidade necessária para desenvolver essas habilidades fora da escola. No entanto, o que se pode observar por parte dos discentes é a grande dificuldade que os mesmos possuem em ler e interpretar os gêneros que circulam na sociedade. Sendo assim, o professor assume um papel fundamental na formação do aluno. Pereira (2011, p. 89) alerta que “entre as metas do professor estão o desenvolvimento da percepção, senso de análise, reflexão e crítica do que se lê”.

Dessa forma, o ensino de leitura na escola deve priorizar os diferentes gêneros discursivos, partindo daqueles que fazem parte do cotidiano dos alunos, para os gêneros que

poderão ser úteis na vida profissional e acadêmica dos educandos. Com isto, percebe-se que ao desenvolver as habilidades de leitura e interpretação o aluno sai da escola preparado não só para o mercado de trabalho, como também para as questões sociais que o cercam, pois o ato de ler não se restringe apenas a decodificar palavras: ler significa interpretar o mundo.

Assim como a leitura, a produção textual também possui papel fundamental, pois é notável a prioridade dada à modalidade escrita no âmbito escolar. Isso se deve ao fato do valor social e histórico que a palavra escrita possui em nossa sociedade. Dessa forma, a apreensão da escrita torna-se essencial para a vida dos discentes, visto que há uma expectativa por parte da sociedade de que os alunos sejam capazes de produzirem bons textos orais ou escritos.

Desse modo, a escrita da mesma forma que a leitura, não é uma atividade estritamente linguística, afinal, para escrever necessitamos não só de conhecimentos linguísticos, mas também precisamos dos conhecimentos de mundo e textuais. Logo, a ausência desses conhecimentos torna a tarefa de escrever muito mais difícil e, por vezes, impossível.

Entretanto, as práticas de escrita na escola em sua maioria são feitas de forma artificial, pois boa parte dos textos escritos pelos alunos não passam de meras redações, sendo atividades de reprodução de conteúdo, sem que ocorra nenhum tipo de interação social com o uso da linguagem, dando maior prioridade aos aspectos gramaticais, com a correção de erros cometidos pelos discentes. Já a prática da produção textual é a escrita vinculada a práticas sociais, pois os textos dos alunos passam a adquirir outra função, além da correção do professor, tornando-se uma atividade interativa, em que o aluno entende a função comunicativa de determinado gênero e o escreve com a intenção de que outros leiam e compreendam seu texto.

Dessa maneira, é importante que o professor elabore suas aulas embasadas na concepção de escrita como processo, por compreendê-la como um trabalho árduo e contínuo que exige de quem escreve empenho e dedicação. A escrita enquanto processo nos mostra que o ato de escrever não é dom ou inspiração, mas é transpiração, pois é impossível escrever um bom texto se não o analisarmos e reescrevermos algumas vezes. É também uma habilidade que pode ser desenvolvida por todos, se houver bastante treino e estudo, visto que “escrever bem é o resultado de um percurso constituído de uma prática, muita reflexão e muita leitura” Garcez (2001, p. 06).

É oportuno destacarmos a importância da leitura e da escrita para a vida do sujeito: cabe à escola incentivar, desde cedo, que os alunos criem o hábito de ler e produzir textos, para que esse hábito se perpetue ao longo de sua vida. Portanto, é importante que o aluno

tenha contato com uma diversidade de textos dentro da sala de aula, para que saibam ler e escrever os diferentes gêneros que circulam socialmente.

3. Refletindo sobre as práticas de leitura e de escrita de gêneros jornalísticos em sala de aula

Os gêneros jornalísticos são essenciais para o aprendizado dos alunos devido sua relevância social, pois além de possuírem a função de informar e relatar os fatos, também proporcionam o debate público sobre questões sociais, estimulando a criticidade dos discentes.

Desse modo, desenvolvemos uma série de atividades com o objetivo de estudar e estimular a leitura e escrita dos gêneros jornalísticos. Nosso objetivo ao final das atividades foi fazer com que o alunado percebesse que cada gênero discursivo possui um contexto de uso, e que cada um atende a uma função comunicativa, além de proporcionar aos discentes um maior contato com alguns dos gêneros jornalísticos que evidenciassem as peculiaridades da linguagem jornalística.

Nossas atividades consistiram em leitura de textos que estão presentes no suporte do jornal, para que os alunos percebessem as características de cada gênero presente nessa esfera. Posteriormente, apresentamos a estrutura prototípica dos gêneros que seriam estudados (notícia e crônica), seguido da proposta de produção textual.

Após realizarmos uma série de atividades com o intuito de despertar o senso crítico dos alunos e desenvolver a capacidade de se posicionar e argumentar a favor de seus direitos, como também depois de termos feito a leitura, interpretação e estudado as características de cada gênero discursivo trabalhado, a crônica e a notícia. Partimos para a produção de texto, com isto, solicitamos a escrita dos gêneros jornalísticos estudados em sala, considerando não só os aspectos linguísticos, como também aspectos textuais.

Dada as condições necessárias para a produção e com a escrita e reescrita dos textos, pudemos concluir que boa parte dos alunos conseguiu apreender de forma satisfatória os principais aspectos pertinentes a cada texto, e que também despertaram o senso crítico, visto que ao terem um contato mais direto com os gêneros perceberam que todo texto possui uma linguagem própria e que tudo depende do contexto e da função social a que se destina cada gênero, seja a de informar, opinar, argumentar etc.

As produções textuais dos alunos foram à culminância do nosso planejamento didático, visto que através delas pudemos observar não só o nível de aprendizagem dos alunos, como também avaliar o nosso trabalho. Assim, as produções escritas dos alunos nos permitiram ter

um *feedback* das aulas e atividades desenvolvidas em sala, pois observa-se através desse material as dificuldades e deficiências apresentadas pelos discentes e o que, de fato, eles conseguiram apreender na aquisição do gênero discursivo e se conseguiram desenvolver as habilidades de leitura e de escrita.

Também é importante salientar que identificamos nos textos dos alunos marcas das leituras e discussões realizadas nas aulas, pois observamos que eles desenvolveram o tema proposto, uns mais que outros, porém é perceptível a interlocução com os textos lidos em sala. Isto nos faz concluir que a maioria deles teve um desempenho satisfatório da habilidade de leitura e interpretação textual, visto que esta exerce uma influência significativa sobre a atividade de escrita. Desse modo, os critérios que mais avaliamos como negativo nos textos dos discentes foram os que dizem respeito aos aspectos linguísticos e gramaticais. Já em relação aos aspectos textuais, percebemos que os textos possuem características peculiares ao gênero produzido.

Contudo, a avaliação foi entendida neste estudo, não como um instrumento de medida para aprovar ou reprovar as produções dos alunos, nem muito menos com o intuito de formarmos jornalistas, mas como um parâmetro do trabalho desenvolvido em sala de aula, visto que esta nos permitiu observar as maiores dificuldades e os sucessos obtidos na aquisição da escrita de determinados gêneros, podendo, dessa forma, nortear futuras atividades com o uso da linguagem, dando prioridade às deficiências dos alunos, para assim, contribuir no desenvolvimento e na formação de bons produtores de textos.

Nesses termos, o professor assume o papel de mediador das aprendizagens dos alunos, pois ao tomar conhecimento do que o discente está ou não aprendendo, pode modificar o resultado de suas ações de ensino e atuar de formas diferentes, auxiliando os discentes de acordo com suas maiores dificuldades. Luckesi (1996) aponta que a avaliação deve permitir uma tomada de decisão sobre os aspectos que permeiam o processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo proporcionar uma melhora nas aprendizagens discentes, sendo este o papel da avaliação formativa, o que significa entender que cada aluno possui níveis de conhecimentos diferentes, isto é, possui seu próprio ritmo de aprendizagem. Dessa forma, todos os momentos e possibilidades de aprendizagem devem ser considerados no processo avaliativo.

Considerações finais

Por serem os gêneros discursivos textos que estão veiculados a nossa vida diária com padrões sociocomunicativos é que podemos dizer que os gêneros, na realidade, são fatos sociais profundamente associados à vida sócio-histórica de cada indivíduo. Dessa forma, tornou-se compreensível a importância que os gêneros discursivos possuem para a inserção do indivíduo na sociedade. Assim, diante dessas reflexões traçadas a respeito dos gêneros, defendemos, nesta pesquisa, a tese de que o ensino de língua deve pautar-se no estudo dos gêneros do discurso (proposta dos PCN para o ensino de língua materna), com vistas para o planejamento e aperfeiçoamento de práticas que permitam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nos alunos.

A partir do exposto acreditamos que o nosso objetivo inicial, de desenvolver as habilidades de leitura e escrita nos discentes, através dos gêneros discursivos, foi alcançado, uma vez que os discentes obtiveram um desempenho positivo em diferentes habilidades, pois mesmo que em algumas atividades de escrita alguns alunos não tenham demonstrado um desempenho satisfatório, isso não significa dizer que eles não devem ser expostos a grande variedade de gêneros existentes na sociedade.

Dessa maneira, notamos que uma abordagem mais produtiva dos gêneros é aquela que privilegia atividades que envolvam a leitura e a escrita, por conseguinte, é por meio da diversidade de abordagens que possibilitamos aos alunos desenvolver suas habilidades. Em suma, reafirmamos que a leitura e a escrita são atividades que estão profundamente interligadas de tal forma que um bom desempenho em uma contribui para a produtividade da outra.

Referências

- BASTOS, L. K. X; MATTOS, M. A. B. A linguística aplicada e a linguística. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas: Instituto de estudos da linguagem – Unicamp, v. 22, 1993. Disponível em: < <http://www.iel.unicamp.br> >. Acesso em: 10 jan. 2014.
- GARCEZ, L. T. M. C. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- PEREIRA, R. C. M. *Entre teorias e práticas: o que e como ensinar nas aulas de português*. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 2011.